

Ao compositor Gilberto Mendes

To the composer Gilberto Mendes

JOAQUIM "ZITO" ABREU

Núcleo Hespérides: Música das Américas
joaquimabreu@estudioslagos.com.br

Resumo: Neste relato, conto como o contato com Gilberto Mendes alterou definitivamente o rumo da minha carreira. O convívio com o compositor, inicialmente nos Festivais Música Nova e depois como interlocutor e intérprete.

Palavras-chave: Gilberto Mendes; Festival Música Nova; Núcleo Hespérides: Música das Américas.

Abstract: In this report I inform how the contact with Gilberto Mendes changed definitely the course of my career. The interaction with the composer, initially in the New Music Festivals and then as an interlocutor and interpreter.

Keywords: Gilberto Mendes; Festival Música Nova; Núcleo Hespérides: Música das Américas.

Agora, rapaz, dedique-se a difundir nossos autores!

Falar sobre Gilberto Mendes para os músicos da minha geração, nascida no final dos anos 1950, ou início dos 1960, é falar sobre porque decidimos abraçar a causa do movimento Música Nova: dedicamos nossas vidas à música contemporânea em um país hostil e reacionário – e isto vale até hoje! Valeu a pena! Esta é a vida que vale a pena ser comemorada: mais de 40 anos dedicados à música contemporânea brasileira, durante décadas norteadas pelo *Festival Música Nova* e a figura central de Gilberto Mendes.

Em 1975-76, aos 16 anos de idade, meu mundo era o da bateria de jazz brasileiro: Egberto Gismonti, Hermeto, *Quarteto Novo*, aulas com Mestre Dinho, o grande Zé Eduardo Nazário, na casa dele, ia assistir aos ensaios do Grupo *UM*... ouvir Coltrane, Ornette Coleman, tocar no Chez Bernard, na rua Frei Caneca, aqui em São Paulo... Até que um mundo novo entrou em cena: Rodolfo Coelho de Souza, compositor, incentivador e primo me levou a Santos para participar de um de seus concertos-experimentos. Levei a bateria, mas quase não usei: toquei sucatas, liquidificador, furadeira, experimentos com tintas sobre telas metálicas. Este foi meu primeiro Festival Música Nova e momento em que conheci Gilberto Mendes. Depois do concerto, fomos comer juntos no Almeida e daí entrei no maravilhoso mundo da estética, da política, do fazer artístico do Gilberto e seu círculo. Eram os anos de chumbo, já estava começando meus estudos no Conservatório do Brooklin Paulista com Claudio Stephan, frequentando os ensaios do Grupo de Percussão do Brooklin... Mergulhei de cabeça. Foi um caminho sem volta.

Passados 10 anos deste período, voltando para o Brasil após estudar em Estrasburgo, na França, entrei por concurso na Orquestra Sinfônica Brasileira, no Rio de Janeiro. Meu primeiro concerto fora da Sinfônica foi no *Festival Música Nova* de 1986, no Teatro do Conservatório do Brooklin, em São Paulo e depois em Santos, convidado pelo Gilberto Mendes. Compreendi que aquele era o momento de abraçar a carreira voltada à difusão da música brasileira, estava preparado, como sempre procedi ao longo da vida, “chutei o balde”: larguei a OSB e me dediquei ao ensino e à música de câmara.

Mais uma vez, comendo um delicioso filé de meca no restaurante Almeida, o preferido do Gilberto em Santos, em tom professoral, sério e irônico decretou: “Agora rapaz, dedique-se a difundir nossos autores!!!” Lá se vão mais de 40 anos de batalha, mais de uma centena de obras dedicadas, estreadas e 22 discos gravados. Gilberto Mendes era nosso guia, nosso líder na busca pela renovação da linguagem artística, música e poesia, música e cinema, música e teatro... O Festival Música Nova foi o palco que descortinou, que revelou toda uma geração de grandes intérpretes e compositores que hoje estão atuando. Sem Gilberto não haveria Flô Menezes, Silvio Ferraz, José Augusto Mannis,

Grupo Ágora de Percussão, Duo Diálogos, Madrigal Ars Viva... Tanta gente que não irei continuar para não ser traidor de minha memória.

Em 1988 eu e Carlos Tarcha formamos o Duo Diálogos. Nossos primeiros concertos foram no Festival Música Nova. Gilberto Mendes nos indicou e fomos para Itália tocar no *Festival Antidogma* de Turim um programa de Música Contemporânea Brasileira, depois em Gent, na Logos Foundation Bélgica, Ars Viva de Bruxelas, Estrasburgo, a convite de meu ex-professor Jean Batigne do Les Percussions de Strasbourg, na Escola Superior de Música de Colônia à convite de Cristoph Caskel; em Belo Horizonte foram os Ciclos de Música Contemporânea criados pelos irmãos e amigos Paulo e Eduardo Guimarães Álvares, também incentivados por Gilberto Mendes. Em 1990 ele nos dedicou *O Pente de Istambul*, que gravamos para o CD *Surf Bola na Rede e a Música de Gilberto Mendes*. Em 1994 tocamos essa linda obra no Carnegie Hall, no *Festival Sonidos de las Américas*, dedicado ao Brasil. Durante os anos 2000 a 2016 sempre que o encontrava era uma festa! Tenho em comum com ele o desdém e desprezo pelas academias; iconoclasta, foi compositor e criador até os seus últimos dias. Assumi seu lema: Ensinar é dar asas, aprender a voar. Basta procurar o seu caminho, caminhando. Foi um excelente professor em seu período na USP.

Com meus (e minhas) colegas do *Núcleo Hespérides Música das Américas* realizamos vários concertos com suas obras, participações nos Festivais Música Nova, estreias, palestras seguidas de deliciosos almoços e jantares. Ao longo desses anos Gilberto dedicou várias obras às sopranos Andrea Kaiser, Heloisa Petri (a Lolô), Rosana Civile, pianista. São desta safra *Anatomia da musa*, *Ópera aberta* – dedicada a Anna Maria Kieffer –, com a participação de um halterofilista, *Desencontros*, *TVgrama* e muitas outras canções, era um amante do *lied* e da poesia. Uma de suas últimas obras, *Passantes* (2013), é dedicada a mim e à soprano Andrea Kaiser, minha parceira no Duo Materiales.

Desenvolvi uma relação de discípulo com seu mestre, sempre admirando, muitas vezes estranhando as liberdades artísticas que constituíram sua estética composicional. Gilberto Mendes foi um artista radical em sua integridade ética, e mutante de suas obras. Por vezes influenciada por Webern e Hollywood, em uma mesma obra e que moldaram sua linguagem. Sempre numa concepção antiacadêmica, buscando o novo e o inusitado. Nunca se prendeu a modelos. "Criar é inventar a forma!", dizia ele.

Como mentor e programador do Festival Música Nova foi absolutamente íntegro e radical, só havia espaço para a Música de Invenção, no sentido que Augusto de Campos tão bem delimitou.

Minha geração foi forjada por seu espírito, por sua ética e sua Música.